

Educomunicação no Ensino Superior: possibilidades de aplicação e desdobramentos na leitura crítica, na divulgação científica e na extensão

Fabiano ORMANEZE¹

A PERTINÊNCIA DO CONCEITO E SUA PRÁTICA NO ENSINO SUPERIOR

Já há mais de 20 anos, com maior ênfase a partir da criação do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), da Universidade de São Paulo (USP), em 1996, a Educomunicação se consolida como campo interdisciplinar no Brasil, inclusive com a possibilidade de cursos de graduação e pós-graduação, além de uma série de pesquisas em programas de mestrado e doutorado. No entanto, a maioria dos estudos na área foca-se na Educação Básica, notadamente com informações acerca da utilização das mídias nos Ensinos Fundamental e Médio. Poucos estudos dispõem-se a compreender de que forma a Educomunicação pode trazer contribuições para o Ensino Superior.

De modo bastante empírico, é possível afirmar que a ausência de uma reflexão mais focada no tema no Ensino Superior ocorre por causa de um discurso que é central quando se pensa num curso universitário: a formação para o mercado de trabalho. De modo geral, alunos – e até grupos de professores – pensam-no como um estágio em que o importante é exclusivamente a formação profissional. Evidentemente, não se

pretende aqui negar essa relação intrínseca e necessária entre profissionalização e ensino, mas o intuito deste texto é demonstrar como – a esse papel da universidade – é possível agregar as reflexões sobre mídia e sua produção, contribuindo tanto para a formação cidadã quanto profissional. Com essa proposta, este texto pretende fazer uma breve abordagem teórica sobre a definição de Educomunicação e, na sequência, apresentar possibilidades de sua aplicação no Ensino Superior, considerando, para isso, três aspectos: a formação crítica e sua relação com o discurso midiático, a divulgação científica e a extensão universitária.

Ainda que não tenha sido estabelecida grande relação entre a Educomunicação e o Ensino Superior, o diálogo entre Educação e Comunicação começou a ser trilhado, teórica e praticamente, no início do século 20. Duas das iniciativas mais antigas são os trabalhos do pedagogo francês Célestin Freinet (1896-1966) e do médico polonês Janusz Korczak (1878-1942), no período entre guerras. Ambos utilizaram o jornal com crianças como aliado no processo de ensino. Na imprensa, eles também encontraram saídas à carência de recursos pedagógicos, principalmente, no trabalho com comunidades carentes e em regiões devastadas pela guerra. Além disso,

¹ Doutorando em Linguística pela Unicamp. Mestre em Divulgação Científica e Cultural pelo LabJor/Unicamp. Jornalista pela PUC-Campinas. Professor do Centro de Linguagem e Comunicação da PUC-Campinas, com projeto de extensão aprovado para o biênio 2016-2017. E-mail: fabiano.ormaneze@puc-campinas.edu.br

também “colocaram em prática seus métodos de trabalho [...] a partir da insatisfação com o sistema formal de ensino – considerado arcaico e cerceador da liberdade” (SOBREIRO, 2005, p. 3). Esses precursores perceberam que, além da leitura, a produção de jornais pelos estudantes ajudava na expressão de seus hábitos de vida, angústias, alegrias e práticas culturais.

Korczak realizou um trabalho de alfabetização e educação com crianças na periferia de Varsóvia, capital da Polônia. Com ajuda financeira da comunidade judaica, da qual fazia parte, o pediatra mantinha uma instituição para crianças pobres. Em 1920, o jornal polonês *Nasz Przegląd* (*Nossa Revista*, em tradução livre para o português) possuía, de acordo com Gottlieb (2001), tiragem de 25 mil exemplares, e convidou Korczak para preparar um suplemento infantil. O resultado foi o *Maly Przegląd* (*Pequena Revista*), com quatro páginas e com textos integralmente escritos pelas crianças.

Tanto Freinet como Korczak deixaram parte de suas experiências e propostas teórico-pedagógicas registradas. Em 1915, Korczak publicou “Como amar uma criança”, em que afirma que “os cursos de jornalismo pedagógico poderão, talvez, num futuro próximo, ser inseridos no programa de ensino nas escolas para professores” (1997, p. 332, grifo nosso). Freinet, cuja obra “Jornal Escolar” foi publicada postumamente, em 1967, reconhece, nesse processo histórico, a importância do educador belga Ovide Decroly (1871-1932) como um precursor da adoção de textos jornalísticos no processo de educação, já que a imprensa, para ele, seria uma das maneiras de o estudante aprender a partir da contextualização.²

No Brasil, nos anos 1930, o pedagogo Anísio Teixeira (1900-1971), ao defender um ensino que promovesse mais a reflexão e menos memorização, também sugeria a utilização de textos da imprensa. A obra de Paulo Freire (1921-1997) é, da mesma forma, retomada quando se pensa numa proposta educacional. No clássico texto

“Extensão ou comunicação”, de 1976, ele afirma que o homem é um ser naturalmente de relações e não apenas de contatos. O homem não está apenas “no mundo”, mas também “com o mundo”, o que já é uma justificativa para o uso de textos midiáticos no processo de ensino-aprendizagem.

Até como uma forma de romper com o discurso positivista da hiperespecialização, o termo “Educomunicação” popularizou-se no final dos anos 1990, a partir do trabalho desenvolvido na USP, como citado na abertura deste texto. De acordo com Soares (2011), provavelmente, o primeiro a utilizar o termo tenha sido o argentino Mário Kaplún (1923-1998), em meados dos anos 1970, embora em muitos de seus textos tenha preferido a expressão “comunicação educativa”.

A título de uma definição, podemos dizer que a Educomunicação pode ser compreendida como “um conjunto de ações voltadas a criar e a desenvolver ambiências favorecedoras do diálogo social, mediante um conjunto de ações em vários subcampos: a educação para a comunicação; a mediação tecnológica, a expressão comunicativa, a pedagogia da comunicação e a gestão de processos comunicativos” (SOARES, 2011, p. 12). Contribuindo com essa perspectiva, num outro texto (ORMANEZE, 2014), procuramos reforçar que um trabalho educacional deve ter duas frentes: um preparo “para a mídia” e “pela mídia”, ou seja, compreendemos que deve existir um trabalho de reflexão e de ação para o uso das ferramentas midiáticas.

Na Educação Básica, em geral, as práticas educacionais estão relacionados à leitura de textos midiáticos com o intuito de expandir a discussão dos componentes para a interdisciplinaridade ou a aplicação dos conceitos e à produção de mídias (rádio, internet, jornais impressos, vídeos, etc.). No Ensino Superior, essas práticas podem, como pretendemos demonstrar, ser adotadas com a profundidade e complexidade esperadas para tal nível educacional.

A importância de um projeto de ensino que leve em conta as ferramentas midiáticas se

² Para mais informações acerca das contribuições de Freinet e Korczak, sugerimos, além das obras desses autores, a leitura de Fabbri Jr; Ormaneze (2014).

justifica, em primeiro lugar, pelas características sociais: praticamente 100% da população brasileira tem acesso a textos midiáticos (ainda que seja pelo rádio, o veículo com maior penetração no território nacional, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE). Nesse sentido, compreender a mídia e seus discursos é também “verificar criticamente que a realidade em que estamos imersos, e que contribuímos para produzir, modificar e reproduzir, é sempre uma realidade mediada e mediatizada” (BACCEGA, 2011, p. 23).

Com o avanço das tecnologias, o contato dos sujeitos com os textos midiáticos é cada vez mais comum. Isso posto, formar profissionais que compreendam esses processos é também papel da Universidade, pois, independentemente de que área atuar-se-á, a prática profissional passará pelo contato com textos midiáticos e com a realidade mediatizada. A seguir, apresentamos algumas possibilidades a serem exercitadas e complementadas nesse campo, enfatizando-se também uma natural inter-relação existente entre essas vertentes.

MÍDIA, DISCURSO E CRÍTICA

A primeira finalidade da leitura de textos midiáticos – em quaisquer suportes – diz respeito à criticidade capaz de ser formada em relação ao mundo e à própria mídia, dada sua importância social:

A mídia é o coração da sociedade da informação, sob cuja égide vivemos [...]. A mídia modifica a forma como as pessoas se relacionam, como aprendem, compram, namoram, votam, consultam médicos, fazem sexo. [...] A mídia tem, na contemporaneidade, o poder de instituir o que é ou não é real. Tem o poder de selecionar e criar a pauta. A comunicação é o principal ator hoje na criação da realidade (GUARESCHI, 2005, p. 40).

Independentemente da área para a qual o estudante universitário está sendo formado, é

importante que ele compreenda como a mídia constrói discursos – e sentidos – sobre a realidade em que ele vai atuar, pois sua vida profissional estará de todo modo impactada por informações que circulam nos meios de comunicação e pelos filtros pelos quais essa informação passa. Não se trata, portanto, de apenas promover uma leitura de textos midiáticos – relacionados ou não a temas do conteúdo programático –, mas também propor uma reflexão acerca de como eles estão sendo tratados pela mídia e os motivos de tal abordagem. Nesse sentido, atividades em que textos midiáticos de veículos diferentes são comparados podem trazer bons resultados para compreender como a mídia produz discursos sobre o mundo e como eles passam a ser, no imaginário social, o próprio mundo. O trabalho educacional, nesse sentido, só fará sentido se o aluno for levado a ter contato com textos de diferentes veículos e possa ser capaz de diferenciar abordagens, o que passa, necessariamente, por uma discussão sobre ideologia.

Ao se pensar numa Educação Superior que seja capaz não só de profissionalizar mas também de formar para a cidadania – uma tônica contemporânea, reforçada pela inserção de disciplinas comuns a todos os cursos relacionados, por exemplo, à pluralidade cultural, direitos humanos, ética e meio ambiente –, tem-se mais uma razão para que essas discussões partam de textos publicados na mídia. Não porque sejam a “verdade”, mas porque têm influência social e efeito de verdade para a população (CHARADEAU, 2009).

Só para citar um exemplo: parece-nos superficial qualquer discussão sobre racismo sem que seja feita uma abordagem de como a mídia trata as diferenças étnicas. Além disso, queixa frequente entre os professores é o fato de que os estudantes leem cada vez menos e têm menos informações de contexto. A adoção de atividades semanais de leitura de textos midiáticos, principalmente os jornalísticos, e sua posterior discussão, em uma disciplina que seja, como tem sido feito no Curso de Relações Públicas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

(PUC-Campinas), pode ser decisivo para uma formação mais completa e menos tecnicista³. Acrescente-se a isso o fato de que, nas avaliações oficiais, como o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), os alunos são cobrados não só pelos conhecimentos específicos de sua área de atuação, mas também pela formação generalista, para a qual o contato e a discussão de textos midiáticos são essenciais, pois permitem um contato com a realidade social e seus desdobramentos, além de serem, eles mesmos, objetos de questões nessas provas.

Nesse sentido, defendemos que os Projetos Pedagógicos dediquem espaço para leituras de textos midiáticos, como possibilidade de compreender melhor o cenário em que o futuro profissional atuará. Essa é, ainda, uma oportunidade de refletir sobre a interdisciplinaridade e sobre a formação de discursos. Um futuro nutricionista, por exemplo, desempenhará melhor seu trabalho se conhecer questões econômicas, políticas e culturais relacionadas à alimentação, se for capaz de identificar como a mídia forma discursos repetidos pelos pacientes e se tiver clareza de que discursos midiáticos precisam ser esclarecidos ou mesmo combatidos. Para qualquer um desses objetivos, a leitura de textos em jornais, revistas, *sites* (opinativos ou não) ou o contato com materiais audiovisuais (rádio e TV) poderá contribuir ao oferecer pistas sobre a (construção da) realidade.

Resta dizer ainda que esse trabalho de leitura de textos midiáticos ficará comprometido se as fontes utilizadas forem sempre as mesmas – o mesmo jornal ou revista, por exemplo – pois o estudante entrará em contato com uma única abordagem da realidade. Também ficará comprometido se a leitura for a de que o discurso midiático é “a verdade” ou, então, se não for feita uma reflexão sobre ideologia, manipulação e filtros de informação⁴. Entram em jogo na análise, portanto, todos os signos, verbais e não verbais,

que compõem a narrativa midiática – palavras utilizadas, imagens selecionadas, relações produzidas, locais e frequência de publicação, estética, ética, linguagem, etc. Só haverá um trabalho educacional eficaz se, quando um texto da mídia for levado para a sala de aula, ele vier acompanhado dessas reflexões.

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

A formação profissional numa universidade passa, necessariamente, pelo contato com a ciência e o processo de geração de novos conhecimentos. Nessa direção, a Educação poderá contribuir para que seja compreendida uma parte essencial do processo científico: a divulgação, pela qual a sociedade entra em contato com as descobertas que ela mesma financia por meio de impostos revertidos em bolsas, institutos de pesquisa, financiamentos, etc.

Num primeiro momento, é possível dizer que, independentemente de que área o universitário está, ele deverá entrar em contato com a metodologia científica, a relativização das descobertas e as controvérsias do campo. Para isso, a leitura de textos jornalísticos também poderá contribuir, uma vez que o conflito, o interesse público e o ineditismo são fundamentos da prática.

Necessário é também problematizar com os alunos – (possíveis) futuros cientistas – a finalidade da divulgação científica, que ainda encontra barreiras no diálogo entre jornalistas e suas fontes, os pesquisadores. A divulgação científica não deve ser entendida como uma simplificação da ciência para o público em geral, mas sim uma forma de informar, numa linguagem acessível aos leigos, o teor e o processo da ciência. Como explica Silva (2006, p. 56), “diferentes interlocuções implicam diferentes memórias, diferentes posições e, portanto, diferentes textualizações”.

³ Os alunos são cobrados por leituras e discussões semanais realizados em uma disciplina por semestre letivo.

⁴ Sobre esse assunto, sugerimos a leitura do texto “Padrões de Manipulação na Grande Imprensa”, de Perseu Abramo (2003), ou, então, o capítulo “Para uma leitura crítica da mídia”, de Pedrinho Guareschi e Osvaldo Biz (2005, p. 113-199). Na primeira dessas referências, o autor indica que há cinco padrões de manipulação: ocultação, inversão, fragmentação, indução e global (próprio do rádio e da TV). No texto de Guareschi e Biz, a ideologia dos meios de comunicação é relacionada a modos e estratégias de atuação: legitimação, dissimulação, unificação de discursos, fragmentação da realidade, reificação e banalização.

Nesse sentido, é sugestivo que sejam trabalhadas com os universitários diferentes formas de a ciência ser abordada, nos gêneros textuais típicos da mídia (reportagens, notícias) ou da própria difusão científica (artigos em congressos e revistas), compreendendo que, fazendo parte de contextos e públicos diferentes, tais materialidades têm objetivos e estruturas diferenciadas, sem que necessariamente a divulgação seja forma de simplificar ou de representar de forma superficial o trabalho do cientista.

De modo geral, esse trabalho de leitura pode também contribuir para a formação do futuro profissional que terá, na maioria dos campos de atividade, convivência com leigos, para os quais também será necessário adequar a linguagem e o conteúdo a ser transmitido. Estará, assim, sendo subsidiado para lidar com diferentes narrativas sobre o mesmo fato, uma vez que, como lembra Martin-Barbero (2014), a evolução das mídias trouxe “a acelerada fragmentação das narrativas e uma experiência de fluxo que borra as fronteiras dos gêneros” (p. 113).

Os universitários estão sendo formados (também) para exercer a ciência no futuro e, por isso, poderão se tornar fontes de informação para a imprensa. Promover uma leitura de textos midiáticos e até mesmo uma reflexão sobre a postura dos profissionais da área que aparecem na mídia contribuirá para a formação ética e profissional, além de fazer com que o profissional conheça, aos poucos, as estratégias da mídia que, um dia, poderá procurá-lo em busca de informações e entrevistas.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A RELAÇÃO COM A EDUCOMUNICAÇÃO

Por sua atuação prática e de intervenção na realidade social, visando a autonomia dos sujeitos, a Educomunicação encontra-se relacionada à extensão, uma das finalidades da universidade. Ademais, são comuns projetos dessa natureza que abordem as novas tecnologias, a produção de materiais midiáticos e a leitura dos meios de comunicação, processos simbólicos:

O *lugar* da cultura na sociedade muda quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser meramente instrumental para espessar-se, adensar-se e converter-se em estrutural. [...] O que a trama comunicativa da revolução tecnológica introduz em nossas sociedades não é, pois, tanto uma quantidade inusitada de novas máquinas, mas um novo modo de relação entre os processos simbólicos – que constituem o cultural – e as formas de produção e distribuição de bens e serviços. A ‘sociedade da informação’ não é, então, apenas aquela em que a matéria-prima mais cara é o conhecimento, mas também aquela em que o desenvolvimento econômico, social e político encontra-se intimamente ligado à inovação, que é novo nome da criatividade e da invenção (MARTIN-BARBERO, 2014, p. 79).

A intervenção social e a inovação, principalmente, em projetos de extensão ligados à área de Ciências Humanas passa pela identificação de discursos que circulem socialmente e pela construção de novos dizeres. A título de ilustração, como trabalhar uma temática do tipo “respeito à diversidade religiosa” sem promover uma reflexão de que discursos circulem trazidos pela mídia? A produção de conteúdo em formato midiático (impresso ou com o uso das novas tecnologias) também tem papel essencial nesse processo, pois pode significar o primeiro passo para a construção de um discurso alternativo. Deixar registros sobre as atividades desenvolvidas durante a extensão universitária, acessíveis ao público-alvo, também contribui para a autonomia e a replicabilidade das atividades. Esses materiais podem ser cartilhas, jornais, boletins, *blogs*, *sites*, páginas em redes sociais digitais e vídeos, numa explícita relação com o propósito de a Educomunicação ser também um espaço formativo para a mídia. Isso sem que se desconsidere que, nos encontros para as atividades de extensão, possam ser usados diversos recursos midiáticos numa forma de aprendizagem contínua e dialógica.

O atual estágio de evolução das mídias e seus recursos possibilita que não só profissionais

dominem as ferramentas de produção e isso pode ser útil nas atividades de extensão. Para tal, o domínio que os professores de extensão tenham de comunicação e seu ferramental será decisivo, podendo ser tema de oficinas com os grupos parceiros⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas, passamos de uma sociedade com um rígido formato de educação, simbolizado pela escola, para um espaço de conhecimento e aprendizagem contínua, em que a mídia se constituiu – por razões que envolvem aspectos ideológicos e econômicos – como um desses espaços de formação não escolar. A proposta da Educomunicação, portanto, reconhece a importância dos meios de comunicação como produtores de sentido e passa a considerá-los na formação do estudante, em qualquer nível.

A formação profissional e cidadã não pode prescindir a discussão sobre a mídia e seus impactos nos diferentes campos de conhecimento. Da mesma forma, deve ser considerada sempre o vínculo que as mais diferentes profissões exercem com a mídia, seja como ferramenta de divulgação profissional, científica, ou na formação de conhecimentos sobre o mundo e suas forças. Assim, compreendemos que, seja qual for a área, promover discussões sobre a mídia e seus discursos contribuirá para uma formação multifacetada e crítica diante da dinâmica social. As contribuições aqui apontadas poderão, certamente, passar pelo crivo de diferentes profissionais do Ensino Superior, para seu aperfeiçoamento e diálogo. Além disso, faz-se necessário que docentes universitários possam encontrar momentos de discussão sobre o uso da mídia no cotidiano pedagógico.

⁵ Apenas para citar alguns exemplos, podemos lembrar os Projetos e Programas de Extensão desenvolvidos na PUC-Campinas. Apenas no biênio 2016-17, seis dos 40 projetos em execução mantêm alguma relação com as práticas de Educomunicação, seja por terem como finalidade a produção de materiais midiáticos ou por usá-los ou considerá-los para reflexão e construção de saberes. São eles: “Estigma/Estima: comunicação audiovisual, identidade e participação social dos adolescentes”, cujo coordenador é o autor deste texto, “Educomunicação e comunicação audiovisual para adolescentes e jovens surdos”, de Duílio Fabbri Júnior, “Comunicação e saúde: estratégias de Educomunicação no combate a arboviroses”, de Cecília Helena Toledo-Vieira, “Oficina do olhar: cidadania e saúde, trabalhando com mulheres jovens na escola”, de Mônica Gobitta, “Comunicação integrada: desenvolvimento de sistemas de comunicação para a Rede de Cooperativas de Materiais Recicláveis de Campinas”, de Rita de Cássia Lunardi, e “A cidadania feminina em ocupações urbanas: mulheres em ação politizando a cidade”, de Stela Cristina de Godoi. Mais informações em: <https://www.puc-campinas.edu.br/proext/projetos-de-extensao/>. Acesso em: 14 jul. 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. *Comunicação & Educação*. Ano 14, n. 3, set/dez. 2011. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewFile/7837/7235>. Acesso em: 15 jun. 2016.

CHARADEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2009.

FABBRI JR, Duílio; ORMANEZE, Fabiano. Educomunicação como fundamento em projetos de extensão: processos midiáticos com alunos e professores. *Anais da X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã*. Bauru: Unesp, 2015. Disponível em: <http://www.unicentro.br/redemc/2015/anais/DT2/DT2-2.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2016.

FREINET, Celéstine. *Jornal escolar*. Disponível em: <http://www.jornalescolar.org.br/o-jornal-escolar/>. Acesso em: 05 jul. 2016.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GOTTLIEB, Liana. O educador Janusz Korczak. *Revista IMES de Comunicação*. São Caetano do Sul, n.3, jul./dez., 2001, p. 36-45.

GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. *Mídia, Educação e Cidadania*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *A comunicação na educação*. São Paulo: Contexto, 2014.

ORMANEZE, Fabiano. Educomunicação, comunicação comunitária e jornalismo literário: três teorias e algumas propostas em um projeto de extensão. *Linha Mestra*. Unicamp: ALB, v. 1, n. 25, jul/dez 2014, p. 36-52.

SILVA, Henrique César. O que é divulgação científica. *Ciência & Ensino*, vol. 1, n. 1, dez. 2006. Disponível em: <http://prc.ifsp.edu.br/ojs/index.php/cienciaeensino/article/view/39>. Acesso em: 10 jul. 2016.

SOARES, Ismar. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs.). *Educomunicação – construindo uma*

nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 13-30.

SOBREIRO, Marco Aurélio. *Célestin Freinet e Janusz Korczak, precursores do jornal escolar*. São Paulo: USP/NCE, 2005. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/145.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2016.

